

EPSTEIN, Jason. *O negócio do livro: passado, presente e futuro do mercado editorial*. Tradução de Zaida Maldonado. Rio de Janeiro: Record, 2002.

O livro, esse misterioso objeto de papel, tinta, cola e linha, vem atraindo muita atenção. Talvez não tanto a atenção de leitores, mas com certeza a de uma multidão de estudiosos. O mais novo membro da tribo aqui comentado é Jason Epstein. Ele discute, esbanjando competência e bom humor - passado, presente e futuro do mercado editorial em "O Negócio do Livro".

São pouco mais de 150 páginas muito agradáveis, cheias de referências e reflexões úteis. A originalidade da obra vem do ponto de vista a partir do qual ela é escrita: seu autor fala do livro com a autoridade de quem viveu uma vida entre eles, não apenas como leitor, mas como profissional responsável pela transformação de textos em obras: Jason Epstein foi editor.

Primeiro na Doubleday, depois na Random House e, tendo ainda em seu currículo a fundação da "New York Review of Books", ele sabe muito bem do que está falando: o mundo em extinção dos editores, livreiros e consumidores de livros tal como o conhecemos até hoje ou - no caso brasileiro - tal como lamentamos não o ter conhecido.

Do alto de sua escrivania nova-iorquina, Epstein descreve como esse mercado se foi construindo e transformando ao longo dos tempos. Cinquentões de hoje talvez ainda se lembrem daquelas livrarias pequenas e médias, com vendedores atentos e cultos, que recomendavam títulos e discutiam livros com seus não menos cultos e desapressados fregueses.

Desaparecidas estas livrarias, a freguesia teve de transferir-se para as "megastores" contemporâneas, com funcionários uniformizados que vendem papéis pintados com tinta (Fernando Pessoa; poema "Liberdade") com os quais não têm lá muita intimidade. No cenário da produção do livro, a paisagem também muda radicalmente.

Epstein fala com uma certa nostalgia do tempo em que um editor de literatura era um

profissional de quem se esperava que descobrisse escritores de público regular e constante ao longo dos anos.

A essa geração de profissionais, contrapõe-se a necessidade contemporânea de os editores descobrirem (ou produzirem?) escritores de best-sellers, já que é muito cara a manutenção do estoque e mais caro ainda o aluguel de bons pontos comerciais. Uma analogia: já que o público aprendeu a trocar carro de forma vertiginosa, por que deveria manter-se fiel a autores, obras ou gêneros literários? Viva o materialismo descontrolado e vicioso.

Atuais estudos em diversas áreas (história do livro, biblioteconomia, letras, sociologia, estudos literários e etc.), todos unanimemente apontam o fato de que a grande transformação que Gutenberg operou no mundo dos livros e dos leitores foi a substituição da leitura intensiva pela extensiva. Ou seja, em vez de ler muitas vezes os mesmos livros, depois de Gutenberg, passou-se a ler uma vez só (e cada vez menos criticamente...) muitos livros.

Esta obra de Epstein permite, na originalidade de seu ponto de vista, uma rara e muito bem-vinda reflexão sobre a articulação da infra e da superestrutura. Com ela aprendemos que discutir leitura e literatura, maior ou menor índice de leitores, é também discutir valor de uso e valor de troca, mercado imobiliário, volatilização e imobilização de capitais.

Nada mais oportuno em um país como o Brasil de hoje, onde grandes editoras são compradas pelo capital internacional, ao mesmo tempo em que programas de governo investem milhões na compra de obras literárias para escolares.

Epstein nos ensina que livros foram, por um bom tempo, feitos, vendidos e lidos de um determinado jeito, e que esse jeito parece inviável

hoje. Mas a inviabilidade deste modelo de mercado não equivale ao seu fim nem ao da leitura, menos ainda dos leitores. Em "O Negócio do Livro" fica a pergunta se, emigrado às voláteis redes digitais, o mercado do livro não está mudando de rosto sem mudar a fisionomia, como dizia o velho e livresco Dom Casmurro?

Ao discutir livrarias virtuais e as experiências de escritores que vendem on-line sua produção (como fez no Brasil João Ubaldo Ribeiro), o autor registra que esse novo movimento, afastando os intermediários que se multiplicaram na esteira de Gutenberg, pode resultar numa nova intimidade entre leitores e escritores, intimidade completamente ausente em um mercado de megalivrarias e dominado por megabest-sellers. "...A Internet, ao conectar leitores e escritores uns aos outros, oferece a possibilidade de uma quase

ilimitada escolha e prenuncia uma estimulante cultura literária, embora também alarmante em sua potencial diversidade."

Contento-me muito em poder ter investido alguns poucos reais na compra deste exemplar da literatura, o qual enaltece o meu gosto por trabalhar junto ao tão mágico objeto, a saber: o livro. Não obstante meu gosto particular desejo que esta pequena resenha possa servir de alguma inspiração para que outros estudantes, principalmente os de Biblioteconomia sintam-se livres das armadilhas mercadológicas e adquiram, de vez em quando, algum item de leitura mais apurada.

Diego A. Salcedo

Graduando do Curso de Biblioteconomia
da Universidade Federal de Pernambuco